



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Comunicação Social, educação e ocupação do espaço público no Cursinho Ferradura

Aline Santos Antunes – Campus Bauru, Comunicação Social – Jornalismo,
antunes.comunica@gmail.com, bolsa PROEX

Beatriz S. C. Cortela – Campus Bauru/FC – Profa. Assistente Doutora do Departamento de Educação,
biacortela@fc.unesp.br

Fernanda Rossi – Campus Bauru/FC – Profa. Assistente Doutora do Departamento de Educação,
fernandarossi@fc.unesp.br

Eixo 1: "Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania"

Resumo

Como a comunicação social, a educação e a ocupação do espaço público estão interligados? O trabalho traz informações sobre vivências dentro do Cursinho pré-vestibular Ferradura, e de que maneira esses temas foram abordados e como influenciaram na criticidade dos alunos. O trabalho tem como objetivo analisar maneiras como os discursos midiáticos podem interferir na aprendizagem.

A análise foi feita após inserir temas na sala de aula que tratam da importância do jovem dentro da sociedade. E assim poder ser crítico frente aos conceitos impostos pela grande mídia.

Palavras Chave: Educação, Comunicação e Coletividade

Abstract:

Such as the media, education and occupation of public space are interconnected? The work provides information on experiences in the pre-university cram Ferradura, and how these issues were addressed and how influenced the criticality of students. The work aims to analyze ways in which media discourses can influence learning. The analysis was made after entering subjects in the classroom that address the importance of youth within of society. And so it can be compared to the critical concepts imposed by the mainstream media.

Keywords: Education, Communication, collectivity



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:
unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
PROEX
PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Introdução

A sociedade contemporânea está cada vez mais conectada ao mundo digital, e a recente disseminação das telemáticas em geral faz com que as redes sociais tornem-se ponto fundamental na participação social do ser. É por ela que encontros são organizados, notícias são divulgadas e até mesmo as reivindicações são arquitetadas.

A mídia é a responsável por impor um fato ocorrido como história, e nós, os receptores diretos das informações midiáticas, temos possibilidades de interpretar e compreender esses fatos. A comunicação consegue transformar expressões, e garantir a elas um novo espaço na língua e no discurso.

Vários outros movimentos sociais ao redor do mundo foram planejados pela via digital nos últimos anos, a "Primavera Árabe", o "Occupy Wall Street" e o "Um Milhão de Vozes Contra as Farc".

Um exemplo clássico disse é o "Rolezinho", nome dado aos encontros marcados antecipadamente por jovens da periferia em shoppings.

O termo se transformou em uma palavra com poder, de ordem, que remete ao movimento de uma classe social que está se mobilizando para usufruir das estruturas de lugares públicos do país.

O "rolezinho" se destacou na mídia durante o 2º semestre de 2013, e ocorreu em diversas cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Tornando-se, além de um símbolo na luta contra o *apartheid* social, um exemplo de organização bem sucedida feita por redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram, entre outras).

Da mesma forma, as manifestações realizadas em junho de 2013 por todo o Brasil, como o Movimento Passe Livre (MPL) foram, em grande parte, organizadas pela internet e chegaram a contar com milhões de participantes, transformando-se na maior mobilização do país, após as manifestações para o *impeachment* do presidente Fernando Collor.

As convocações dos encontros em massa foram feitas pela via digital, e apresentaram enorme eficácia, visto que milhares de jovens compareceram ao evento. Essa nova característica organizacional do jovem é designada "ciberativismo", um termo recente que designa justamente as pessoas que utilizam da internet para buscar e difundir informações e reivindicações.

Dessa maneira, com a ajuda dos ciberativistas, a internet se torna ponto fundamental na quebra do monopólio da informação. Além disso, com equipamentos cada vez mais portáteis e baratos, aproxima a mídia de um formato livre, popular e

soberano. Temos, assim, uma ferramenta na via digital muito mais democrática que os meios de comunicação de massa tradicionais, afinal, qualquer pessoa que esteja online pode participar e propagar a sua ideologia.

Vale ressaltar, também, que esse ativismo virtual não fica contido apenas na troca de ideias, mas, acima de tudo, no compartilhamento de vídeo, produção de abaixo assinado virtual e petição, além do agendamento de passeatas.

O "rolezinho" é, portanto, uma importante arma para a juventude quando se trata de ocupação urbana e do espaço público.

Outro exemplo de intervenção popular e de ocupação são as pixações (o trabalho irá tratar o tema como "pixação", ao invés de "pichação", pois a segunda carrega a conotação de vandalismo, e aqueles que se denominam pixadores, consideram-se artistas de rua).

A pixação trata-se de uma arte urbana e efêmera, pois seu prazo de exposição nos muros das cidades é curto. Essa manifestação é um grito da juventude periférica que descobriu nos traços uma maneira de ser e estar presente na sociedade, mesmo que para isso seja preciso agredir os bons costumes, e transgredir à paisagem.

De forma paradoxal, eles tentam imortalizar seus nomes em um suporte extremamente efêmero que é a paisagem urbana. Enquanto fixam suas marcas com letras estilizadas à procura "da fama por outros meios", como costumam afirmar, a cidade tenta arrancá-las da paisagem. Muito mais do que fugir da condição de anônimo, eles (os jovens) querem a permanência de seus nomes para que seus colegas possam admirá-los. Assim, os pixadores aproveitam-se do anonimato proporcionado pela metrópole para estampar seus pseudônimos pela cidade e tornarem-se conhecidos entre os seus pares, sem, no entanto, deixarem de ser anônimos para o restante da cidade. (PEREIRA, 2010)

O fenômeno da pixação está intimamente ligado ao do grafite, apesar desses apresentarem diferenças gritantes no que tange a estética. O grafite, como é compreendido atualmente, geralmente é colorido e apresenta alguma imagem, com ou sem teor político. Essa forma de arte já foi tratada como marginalizada, porém nos últimos anos, sua aceitação tem crescido ao ponto de ser aceita em galerias de arte, como já visto em museus consagrados, o Tate Modern, na Inglaterra, por exemplo. Já a pixação ainda é vista com desconfiança pelos olhos da sociedade. Tido como um ato de vandalismo, ligado a marginalidade.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Mesmo tendo suas origens na década de 60 na Europa, a arte de rua ganhou maior expressividade quando essa foi incorporada pelo movimento negro através da Cultura Hip Hop. Envolvendo música, dança, comportamento e artes plásticas, essa cultura ganhou notoriedade em meados da década de 70 num contexto de identificação com a etnicidade negra.

Sofrendo com o racismo e a violência policial, jovens negros ousaram transgredir as regras e difundir sua arte - e sua cultura - pelas ruas brancas dos grandes centros. Deixar sua marca, seu nome ou um pensamento registrado, mesmo que quebrando as regras, e sendo, talvez, o único jeito de ser ouvido. Nesse momento a pixação ganha um caráter político, expondo à sociedade o abismo social entre cidadãos e marginais.

Grupos de jovens pobres, com baixa escolaridade e excluídos dos centros comerciais pelo Estado formam uma comunidade capaz de estabelecer suas próprias metas e papéis a serem construídos. De certa forma, esses grupos são importantes para a formação da identidade dos jovens que sempre foram jogados à margem da sociedade. Quando encontram um grupo de pessoas com ideias semelhantes, eles finalmente se sentem parte do todo. Mesmo que o todo ainda esteja à margem da sociedade, ele não está sozinho.

Objetivos

Proporcionar, por meio de análise de discursos veiculados em mídias impressas, televisivas e digitais, a aprendizagem, conscientização e criação da criticidade em alunos pré-vestibulandos do cursinho Ferradura.

Material e Métodos

Inserir temas, como os destacados anteriormente, que tratam da importância do jovem dentro da sociedade, e exemplificam maneiras de ocupar e se expressar, auxiliam na formação crítica dos alunos, nas aulas de atualidades, redação e linguística.

Além de rolezinho e pixações, foram tratados temas como racismo na universidade pública, redução da maioria penal, sistema de cotas, entre outros, e que causam a reflexão sobre o papel do jovem na sociedade, sua importância, e como eles podem se impor nessas situações.

Um exemplo de atividade realizada foi a análise de conteúdos midiáticos, tanto de veículos convencionais quanto de veículos independentes, e uma reflexão sobre a influência da mídia na

sociedade brasileira, além do papel do jornalista como formador de opinião.

Entre as atividades destaca-se a exibição do documentário PIXO (2010); matérias veiculadas pela TV UNESP, TV TEM; análise de textos publicados na revista Caros Amigos, blogs independentes como o do Coletivo Negro Kimpa (<<[>>](http://coletivonegrokimpa.blogspot.com.br)>), artigos de opinião dos portais Folha de S.P. e Estadão, entre outros.

O diretor João Wainer apresentou, em 2010, o documentário PIXO, que rodou o mundo oferecendo uma introdução a esse universo que muitas vezes é associado a vandalismo.

Em sala de aula, o documentário foi exposto durante a disciplina de gramática, a fim de entender uma forma de linguagem que, aparentemente, não é convencional, mas faz parte da vida de diversos jovens. Arelado ao tema, foi possível identificar outras maneiras em que ocorre o preconceito linguístico, inclusive analisando textos do linguista Marcos Bagno.

Ao final da atividade, os alunos conseguiram trazer temas de suas realidades para a discussão em grupo, se identificando, ou não, com a realidade exposta no documentário.

Percebe-se, dessa forma, maneiras de trazer para a sala de aula temas que parecem distintos, mas que, na verdade, estão atrelados intimamente.

Resultados e Discussão

Com a frequente retomada de assuntos que abordam a igualdade social, racial e de gênero, a importância de cada indivíduo dentro de um todo, e a relevância de agir em coletividade, os alunos passaram a notar a sala de aula como espaço a ser integralmente utilizado, tanto para estudo, quanto para a socialização, como um espaço cultural, e de luta pela permanência nos estudos. (FIGURA 1)

As atividades que deveriam ser realizadas em grupo passaram a fluir mais naturalmente, e as antigas indiferenças entre os colegas foram amenizadas. (FIGURA 2 E 3)

Figura 1. Aluno do cursinho expondo o cartaz realizado em seu grupo que discutia sonhos, desejos, medos, permanência, etc.

Figura 2. Grupo de discussão sobre intolerância religiosa, aula de atualidades.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Figura 3. Apresentação de trabalho em aula que pretendia discutir a ocupação do espaço público.

Conclusões

Nota-se a importância de criticidade em todas as atividades desempenhadas no dia a dia. Ao ressaltar o papel da mídia no cotidiano, os alunos assimilaram essa influência sobre seus gostos, caráter e, até mesmo, manias.

É imprescindível o poder de compreensão e assimilação dos conteúdos veiculados. Com o poder da argumentação o jovem pode romper conceitos impostos pela grande mídia, e criar discursos que estejam mais de acordo com o espaço em que se está inserido, podendo, assim, trazer a tona temas que não são tratados pelos meios de comunicação convencionais.

Agradecimentos

Agradeço a todos alunos do cursinho Ferradura, por me permitir aprender com eles todos os dias, me apoiarem e corresponderem minhas expectativas como facilitadora de conhecimentos dentro da sala de aula.

Agradeço também aos meus colegas de graduação que me auxiliam, e oferecem suportes emocionais e tecnológicos todos os dias.

PEREIRA, A. **As Marcas da Cidade: A dinâmica da pixação em São Paulo**. São Paulo, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf>> Acessado em abril de 2015

AQUINO, J. **Espetáculo, Comunicação e comunismo de Guy Debord**. Ceará, 2007. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2007000100010&script=sci_arttext> Acessado junho de 2015

WAINER, J. PIXO. Documentário, 2010.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa de cultura**. p. 13-41

SPINELLI, L. **Pichação e comunicação: um código sem regra**. 2007. Disponível em:

<<http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf>>

Acessado em maio de 2015

CEARÁ, A; DALGALARRONDO, P. **Jovens Pichadores: Perfil Psicossocial, identidade e motivação**. São Paulo,

2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51772008000300002&script=sci_arttext>

Acessado em junho de 2015

Bakhtin, M. (1992). **Marxismo e filosofia da linguagem** (6a. ed., M. Lahud e Y. T.Vieira, trad.). São Paulo: Hucitec.

Orlandi, E. P. (1999). **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.

MENDES E SILVA, M. A. S. (2005) **Sobre a Análise do Discurso**. Ourinhos, SP. FATEC. Disponível em:

<<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view>> Acessado em maio de 2015



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:
unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
PROEX
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anexo 2 – FIGURA 2





8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROGrama de Extensão Universitária

Anexo 3 – FIGURA3

